

## ENCONTROS ENTRE BEBÊS E CRIANÇAS MAIS VELHAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUAIS POSTURAS DESEMPENHADAS PELOS PROFISSIONAIS?

CAROLINA MACHADO CASTELLI<sup>1</sup>; ANA CRISTINA COLL DELGADO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [m.carolinacastelli@gmail.com](mailto:m.carolinacastelli@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [anacoll@uol.com.br](mailto:anacoll@uol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

As presentes reflexões derivam de uma dissertação da área da Educação (campo das Ciências Humanas), situada, mais especificamente dentro dos Tópicos Específicos da Educação. A pesquisa, que objetivou investigar as relações estabelecidas entre bebês de uma turma de Berçário 2 e crianças mais velhas em uma escola de educação infantil, alerta que, no Brasil, as crianças de diferentes idades possuem cada vez menos oportunidade de interagirem entre si.

Isso pode ser justificado por alguns fatores: a taxa de natalidade vem decrescendo (IBGE, 2013) e há menos crianças brincando na rua (WÜRDIG, 2007), ou seja, menos interações na família e na vizinhança, onde os grupos são multietários; que a educação infantil tem sido a escolha de cada vez mais famílias (IBGE, 2011) e cada vez mais cedo na vida das crianças ocidentais (CORSARO, 2011); e que as crianças chegam a passar cerca de 10 horas de seus dias nessas instituições (COUTINHO, 2010), locais onde os momentos de interação entre crianças de diferentes faixas etárias são reduzidos.

Há, pois, cada vez menos oportunidades de interação entre crianças de diferentes idades fora da escola e, no seu interior, o critério escolhido pelos adultos para dividir as turmas é o etário, dificultando encontros, sobretudo os duradouros, entre elas. Ademais, os próprios adultos sentem-se incomodados com fugas ao controle de seu grupo, isto é, quando crianças interagem com crianças de outra turma em ocasiões não planejadas por eles (GOBBATO, 2011).

Em um desdobramento da questão principal da investigação, é possível indagar: que posturas os profissionais da educação infantil desempenham frente aos encontros planejados e não planejados ocorridos entre bebês e crianças mais velhas na instituição? Para responder a esta e às demais questões postas pela investigação, o referencial teórico foi construído a partir de diferentes campos, tais quais os Estudos da Criança, a Sociologia da Infância, a Antropologia da Criança, a Psicologia Cultural, a História da Infância, a Filosofia e a Educação.

### 2. METODOLOGIA

Nesta investigação, guiei-me pelos princípios da etnografia nos processos de geração de dados e análise interpretativa, embasada, sobretudo, em Graue e Walsh (2003). Os autores consideram a etnografia como uma forma de pesquisa interpretativa – a partir do que Erickson (1986) propõe –, porque tem o seu centro de interesse no significado que as pessoas dão à vida social e na sua elucidação e exposição pelo pesquisador (ERICKSON, 1986).

Foram 31 idas, de junho a setembro de 2014, à escola de educação infantil, que é filantrópica e está localizada em um bairro próximo ao centro de Pelotas – RS. Busquei obter acesso no grupo de berçário e articular observação participante (COHN, 2009), registro por meio de uma descrição densa (GEERTZ, 2008), fotografias e vídeos (estes dois últimos também feitos por bebês e por

crianças de outras turmas) (GRAUE; WALSH, 2003) e conversas com crianças e profissionais da instituição que participaram da investigação.

Procurei respeitar os preceitos éticos defendidos nas pesquisas em educação com bebês, em especial o consentimento por parte dos adultos participantes (profissionais da escola) e dos responsáveis pelas crianças, e o assentimento por parte das próprias crianças (obtido através de expressões faciais e verbais, gestos, olhares, etc.) (FERREIRA, 2010). Em consequência, das 70 crianças matriculadas, 54 delas participaram da pesquisa, estando divididas nos grupos de Berçário 2 (16 crianças, tendo a partir de 1 ano e 1 mês de idade<sup>1</sup>), Maternais 1 (14 crianças) e 2 (13 crianças) e Pré 1, a menor turma da escola (11 crianças, tendo até 5 anos e 2 meses de idade).

Quanto aos profissionais da escola, dos quais obtive consentimento, cabe destacar que as professoras possuem formação em Pedagogia ou a estão cursando, caso já possuam Magistério, e que a escola ainda conta com auxiliares de educação, com formação mínima em ensino médio completo. Além das professoras contratadas, a instituição conta com professoras estagiárias e auxiliares de educação, funcionárias de serviços gerais, um auxiliar administrativo, uma coordenadora pedagógica, uma assistente social, uma psicóloga e uma diretora, sendo consideradas nesta análise, as professoras (sejam contratadas, auxiliares ou estagiárias) e a coordenadora, em função de seu contato contínuo com as crianças no seu dia-a-dia na instituição.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na escola investigada, as relações dos bebês com as crianças mais velhas tiveram maior espaço dentro de um projeto proposto pela coordenadora da escola junto à professora do Pré 1, o qual pretendia trabalhar com a ideia de identidade grupal e melhorar a convivência das crianças desta turma na instituição, o que levou à realização de uma articulação com o Berçário 2, em função do interesse demonstrado pelas crianças. Outros encontros também ocorreram entre os bebês com as crianças do Pré 1 e com as crianças dos Maternais 1 e 2 em ocasiões variadas (no pátio, no refeitório, na hora da saída e nas festividades).

Os encontros entre bebês e crianças mais velhas na instituição escolar provocam diferentes atitudes por parte dos adultos. Com o objetivo de entregar as crianças “sãs e salvas” ao fim do dia, os bebês são vistos como frágeis perante os maiores (aos olhos dos adultos) e os maiores são tidos como uma ameaça à integridade física dos bebês, ainda que pouco se permita que eles interajam para que se possa desmistificar essas visões (CARDOSO, 2004).

Na escola investigada, essa preocupação também existia por parte das professoras e, por vezes, até tolhia possíveis interações entre as crianças (GOBBATO, 2011). Seguidamente, em encontros não planejados, quando duas turmas se cruzavam pelos corredores, ou pelo refeitório, por exemplo, era possível ouvir alguma das professoras dizendo para as crianças mais velhas tomarem cuidado com “os pequenos”, como muito se referiam aos bebês.

Porém, em muitas outras vezes vi crianças maiores se aproximando de bebês que estavam junto a uma de suas professoras (ou bebês se aproximando de crianças maiores que estavam junto a uma de suas professoras) e a atitude da profissional, nesse momento, era de promover abraços entre as crianças, beijos na bochecha, darem tchau quando estavam saindo, etc. Estando junto uma única criança, e podendo dar maior atenção a ela e à que se aproximava, as professoras sentiam-se mais à vontade para permitir aquela relação que, como eu

1 As idades apresentadas nesta escrita referem-se à data de início da pesquisa.

podia ver nos seus jeitos de olhar para as crianças e falar com elas, lhes encantava.

Pelo fato de a temática desta pesquisa praticamente ainda não ser discutida no meio acadêmico, nas políticas educacionais ou nas próprias escolas, as opiniões e posturas acabam sendo controversas, pouco sendo questionada a lógica de separação das crianças. O projeto do Pré 1 junto ao Berçário 2 rompeu com algumas amarras presentes nas escolas, aproximou as crianças entre elas e das vivências que fazem parte de suas comunidades e possibilitou brincadeiras e aprendizagens por parte das crianças e dos adultos, já que estes se envolviam com a organização dos encontros e observação dos mesmos.

Apesar disso, em certo momento surgiu o descontentamento por parte de algumas profissionais da turma de Berçário 2 pelo fato de que alguns bebês estavam brincando sozinhos, ou ficando somente junto às suas professoras nos encontros propostos com o Pré 1. Porém, em vez de encerrar o projeto frente à diversidade de opiniões, a coordenadora e a professora do Pré 1 planejaram outra forma de organizar esses encontros (em grupos menores), o que foi discutido, posteriormente com uma das professoras do Berçário 2.

#### 4. CONCLUSÕES

É possível argumentar que a escola (e seus profissionais) tiveram uma postura mais aberta frente às relações entre bebês e crianças por um conjunto de motivos: o fato de ser uma escola pequena e filantrópica, preocupando-se com a família da criança como um todo; a inclusão dos bebês (e suas famílias) nas festividades promovidas pela instituição; a existência de alguns pares de irmãos na instituição e de crianças de diferentes turmas que se conheciam para além da escola; a realização do projeto por parte da turma do Pré 1; a postura da coordenadora em incentivar tal projeto e buscar meios para sua realização; e o fato de que algumas professoras mudaram de turma durante o ano letivo e ainda mantiveram, como era de se esperar, laços com as crianças de suas antigas turmas, por vezes promovendo interações entre as crianças dos dois grupos.

E, como não acredito que o investigador seja neutro, minha presença pesquisando a temática pode ter contribuído para sua visibilidade, tanto que as professoras me chamavam para me mostrar interações entre bebês e crianças mais velhas e me contavam coisas que haviam ocorrido em dias em que eu não estava, o que, por outro lado, demonstrava que as próprias profissionais estavam vendo os encontros entre eles com outros olhos, possibilitando certo rompimento com paradigmas da escola tradicional, capitalista, seriada, hierarquizada, padronizada e classificatória (MATA, 2012). O desafio, agora, é, a partir desta pesquisa com crianças, aprofundar as análises no que se refere à ação docente e dos demais profissionais da escola, articulando formação inicial e continuada, o papel da coordenação pedagógica e a importância do planejamento.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Suzemara. **A construção de agrupamentos multietários na rede municipal de Educação Infantil na cidade de Campinas**: análise em um CEMEI. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação (UNICAMP), Campinas, 2004.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. **A ação social dos bebês**: um estudo etnográfico no contexto da creche. 2010. Tese (Doutoramento em Estudos da Criança Especialidade em Sociologia da Infância) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010.

ERICKSON, Frederick. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, Merlin (Ed.). **Handbook of research on teaching**. Chicago: Macmillan, 1986. p.119-161.

\_\_\_\_\_. “- Ela é a nossa prisioneira!” – Questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. **Revista Reflexão e Ação**, v.18, n.2, p.151-182, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOBBATO, Carolina. **Os bebês estão por todos os espaços**: Dos bebês na sala do berçário aos bebês nos contextos de vida coletiva da escola infantil. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação Etnográfica com Crianças**: Teorias, Métodos e Ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

IBGE. 2013. **Taxa bruta de natalidade por mil habitantes** – Projeção da População do Brasil - 2013 (de 2000 a 2014). Disponível em: <<http://brasilensintese.ibge.gov.br/populacao/taxas-brutas-de-natalidade>> Acesso em: 25 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. PNAD **Porcentagem de crianças de 0 a 3 anos que frequentam escola** – Brasil – 1995-2011 – Elaboração: Todos pela Educação. 2011. In: Anuário Brasileiro da Educação Básica. São Paulo: Moderna, 2013. Disponível em: <<http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8A8A833F33698B013F346E30DA7B17>> Acesso em: 22 mai. 2014.

MATA, Adriana Santos da. Práticas curriculares na educação infantil: a aposta na multi-idade. **Espaço do Currículo**, v.5, n.1, p.184-196, jun.-dez. 2012.

WÜRDIG, Rogério Costa. **O quebra-cabeça da cultura lúdica** – lugares, parcerias e brincadeiras das crianças: desafios para políticas da infância. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo 2007.